

Título do Estudo: O Lugar e o Não Lugar da Expressão Plástica nos Projectos Curriculares nas acções dos Educadores de Infância	
Guião de observação dos contextos em estudo	
Data da Observação: 17 de Janeiro de 2008	Hora da Observação: 10h/12h
Contexto da Observação: (neste item refiro-me à identificação do jardim de infância)	
Actividade observada (orientada ou jogo espontâneo): Ilustração, em acetato, da história “A menina dos caracóis de ouro”.	
Espaço utilizado para o desenvolvimento da actividade: Sala de actividades (1º momento manta de acolhimento/2º momento mesa na área da plástica).	
Intervenientes: Educadora A e crianças da sala de 5 anos. História contada em grande grupo. Ilustração em pequeno grupo.	
Introdução à informação recolhida por observação directa: É curioso referir que ao agendar a observação desta actividade a educadora referiu que “não iria ser bem, bem uma actividade de expressão plástica”.	
Registo da observação em contexto	
<p>A educadora reuniu o grupo de crianças na manta, sentou-se junto delas e mostrou duas fotocópias em tamanho A4 a preto e branco que iriam servir de suporte para contar a história. A qualidade das cópias não era muito boa e não permitia a compreensão das imagens, o que chamou a atenção das crianças que tentaram decifrar o que representavam, sugerindo a educadora que o F. mostrasse a todos os meninos o conteúdo das imagens.</p> <p>O F. mostrou as imagens e cada criança tentou decifrá-las manifestando dificuldade. No seguimento das dificuldades das crianças, a educadora disse: “Não liguem às imagens, porque quem vai fazer as imagens são vocês!” e questionou as crianças sobre o que iam fazer a seguir a ouvir a história. O M. respondeu: “Vamos desenhar a história.”</p> <p>Educadora: “Como?” Ao que as crianças foram respondendo várias coisas, desde lápis de cor, de cera, marcadores, entre outros. O R. respondeu que seria com folhas como as que mãe também tinha... o que provocou riso na educadora.</p>	<p>Embora a educadora tivesse a intenção de contar a história sem recorrer às imagens, não é possível afirmar que a sua [das imagens] falta de qualidade tenha sido intencional, pois se por um lado a educadora desvalorizou as imagens por outro mostrou preocupação em justificar a má qualidade das cópias. Assim, embora a qualidade das imagens não fomentasse o desenvolvimento do sentido estético, potenciava o desenvolvimento da criatividade e da expressão pessoal, não influenciando as representações da criança, na medida em que não constituiria um modelo para as crianças. Outra estratégia possível poderia ser tirar as cópias sem ilustrações, ou então, tendo as ilustrações tal como foi trabalhada com as crianças, a educadora poderia ter explorado mais a sua qualidade (ou falta dela) para partir para a necessidade de se criar uma nova ilustração. Embora a educadora tenha questionado as crianças, considera-se que não problematizou suficientemente a situação para estimular nas crianças as capacidades de resolução de problemas e de criar e desenvolver os seus próprios projectos.</p> <p>No que refere aos materiais, gerou-se uma conversa em torno das folhas e canetas de acetato, através da qual se pode concluir que as crianças já haviam experimentado estes materiais noutras situações e que já tinham também</p>

<p>As crianças e educadora continuaram a conversar e entretanto, a educadora contou a história. Concluído o conto da história não se conversou sobre a mesma. As crianças dividiram-se por três pequenos grupos, um dos quais, constituído por seis crianças que iria fazer a ilustração da história. É sobre esse grupo que se centram as seguintes observações.</p> <p>Ao chegar à mesa, as crianças encontraram os materiais (folhas de acetato e canetas) já colocados na mesa, o que lhes provocou muita excitação, tendo começado a tirar as canetas e as folhas compulsivamente. A educadora apelou à calma muitas vezes e lembrou que não podiam começar a desenhar sem primeiro conversarem sobre a parte da história que iriam representar. Ao pegar nas folhas as crianças começaram a explorar espontaneamente a sua transparência ou opacidade, no caso de ainda terem a folha branca por trás. A educadora sugeriu ao N. que tirasse a folha branca de trás da folha de acetato para ver o que acontecia, ao que ele exclamou: “Olha B., já não estás branca!”. A educadora sorriu e continuou a apoiar as crianças na exploração da transparência e na selecção do que iriam representar. Sem rever a história com as crianças, a educadora foi questionando quem queria desenhar as respectivas cenas. Inicialmente as crianças foram seleccionando as cenas que queriam desenhar, no entanto, no decorrer da actividade dada a dificuldade de atenção e de escuta do grupo a educadora foi gerindo individualmente essas escolhas. Embora esse processo fosse um pouco conflituoso, pois as crianças já tinham decidido o que queriam desenhar e havia sobreposição de interesses, a educadora foi gerindo o seu desenvolvimento com muita assertividade e serenidade.</p> <p>Entretanto, mais uma vez sem problematizar a</p>	<p>falado do que iam fazer nesta actividade antes de a investigadora deste estudo estar presente.</p> <p>Entretanto, a educadora contou a história, de forma expressiva e interactiva, questionando as crianças sobre as semelhanças e diferenças com outra versão da mesma história que havia contado noutra altura. Esta estratégia foi interessante na medida em que promoveu a participação activa das crianças, no entanto, gerou alguma excitação e quebrou o envolvimento no seguimento da história.</p> <p>Neste sentido, talvez tivesse sido mais adequado os materiais surgirem após uma conversa sobre a história e a organização das cenas a representar. Além disso, a própria distribuição do material poderia ter sido feita pelas crianças, revelando assim, a maior intencionalidade das acções no que refere à articulação com a área da Formação Pessoal e Social.</p> <p>Penso que foi uma boa estratégia que permitiu às crianças explorar as potencialidades dos materiais, desenhando, virando, sobrepondo as folhas e descobrindo relações. No entanto, dadas as características do grupo, penso que também teria sido importante ter-se trabalhado com as crianças a responsabilização pela sua participação num trabalho de equipa e de desenvolver um projecto até ao fim.</p> <p>Penso que isto também se prende com o facto de as crianças terem dificuldade em escutar, o que interfere na organização conjunta do trabalho de equipa, que poderia ser mais rico se houvesse uma discussão partilhada de estratégias e da distribuição de tarefas.</p>
---	--

<p>necessidade de o fazer, a educadora propôs que as crianças paginassem/numerassem as páginas. Como as crianças disseram não ser capazes, a educadora propôs ao G. para o fazer. O G. começou por numerar a sua folha com o número um, mas com o efeito de espelho... Entretanto, com a ajuda da educadora apercebeu-se que estava ao contrário e virou a folha para ficar correctamente representado. Ainda assim, depois voltou a virar a folha e a desenhar do outro lado, não atribuindo relevância à posição do número.</p> <p>O G. realizou vários desenhos sobre a história e revelou muita criatividade, apresentando nas suas representações elementos não citados na história, como por exemplo ao representar a casa do ursos, desenhou três portas (uma grande, uma média e uma pequena) revelando um grande envolvimento na actividade. As restantes crianças também representaram cenas da história e foram recriando as mesmas enriquecendo-as com alguns elementos não referidos no texto, como borboletas, etc.. No entanto, com excepção do G., a partir de uma certa altura as crianças descentraram-se da tarefa e começaram a explorar os materiais espontaneamente sem ter em consideração o objectivo final do trabalho. As crianças entraram frequentemente em conflito pelas diferenças de ideias e partilha de materiais, sendo a gestão das interações feita pela educadora.</p> <p>- O F. criticou a M. pelo que estava a desenhar, ao que a educadora respondeu: “está a fazer como ela quer, não é? Cada um faz como quer!”.</p> <p>- Sem se aperceber a M. deitou o desenho do R. ao chão. O R. reagiu muito zangado, gritando com a M.. A educadora interveio apaziguando a situação, explicando ao R. que tinha sido “sem querer”.</p> <p>À medida que as crianças iam desenhando a educadora ia perguntando o que estavam a representar e elogiava o seu desempenho. Por vezes, questionava se não faltava nada, tendo em conta a história contada. Quando o G. desenhou a casa e a menina dos caracóis de ouro, a educadora questionou-o como se poderia</p>	<p>Dada a curiosidade e espírito crítico do grupo foram surgindo outros assuntos que a educadora foi escutando e dando resposta, assim, como tentando gerir as muitas intervenções das crianças que revelam algumas dificuldades em se concentrar, escutar os outros e falar cada um na sua vez. Em todos estes momentos, mesmo quando as crianças se excediam um pouco nos seus comportamentos, a educadora interagiu com muita afectividade, calma, paciência e serenidade.</p> <p>Embora assertiva na identificação dos motivos que dão origem aos conflitos, na maior parte das vezes, tal como ilustram os dois exemplos mencionados, a educadora não estimulou à reflexão sobre o comportamento e à resolução autónoma dos conflitos.</p>
--	---

<p>saber que aquela casa estava numa floresta. Quando o G. percebeu que a educadora se referia à falta de árvores disse que elas tinham morrido, o que a educadora aceitou com um sorriso, mas sem tentar perceber o porquê.</p> <p>As crianças entusiasmaram-se com a actividade e fizeram muitos desenhos, pedindo consecutivamente mais folhas, o que surpreendeu positivamente a educadora, que se levantou da mesa para ir busca-las. No entanto, à medida que o conteúdo dos desenhos se foi distanciando mais dos factos narrados na história a educadora foi dizendo às crianças que podiam continuar a desenhar mas que no final poder-se-ia construir outra história com os desenhos que eles achassem que não faziam parte da história contada. Apenas a M. e D. se envolveram na selecção das imagens. As restantes crianças só queriam continuar a desenhar. Entretanto, a educadora avisou que tinham que terminar para assistir à dramatização com fantoches que os colegas tinham preparado. À medida que foram terminando os desenhos as crianças foram saindo da mesa sem haver uma discussão final sobre o trabalho desenvolvido. O G. continuava muito envolvido na actividade e chorou por ter de terminar. A educadora explicou os motivos [aproximação da hora da refeição e assistência à dramatização de fantoches pelos colegas] e ficou combinado experimentarem novamente esses materiais noutra oportunidade.</p> <p>De acordo com a educadora as crianças iriam projectar a história para os colegas nessa tarde (caso arranjassem lâmpada nova) ou na tarde do dia seguinte.</p>	<p>Penso que os desenhos que aparentemente não faziam parte da história poderiam de facto fazer revelando, a interpretação que a criança havia dado aos factos e a representação mental que havia criado ao ouvir história. A significação dessas imagens poderia ser explorada com as crianças. As borboletas, o reflexo do sol no lago, diferentes animais, etc., podiam fazer parte da floresta, os corações poderiam representar os sentimentos que caracterizavam as relações da família de ursos, enfim, de acordo com a exploração das crianças poderiam ser estabelecidas novas relações, sem tirar o sentido inicial à história, mas enriquecendo-a com a visão das crianças. Embora flexível, na fase da escolha das imagens a educadora aceitou a presença da borboleta, mas pela sua expressão facial pareceu-me que essa “permissão” foi influenciada pela minha presença.</p> <p>Ao ser informados pela educadora que a lâmpada do retroprojector estava fundida, conversaram também sobre a impossibilidade de verem as ilustrações a criar nessa tarde e negociaram com a educadora que seria no dia seguinte. Embora este tipo de situações possam acontecer, considero que deveria ter existido a preocupação de verificar o</p>
---	--

	funcionamento do aparelho previamente. Além disso, para prevenir este tipo de impedimentos ao desenvolvimento das acções pedagógicas poderiam existir lâmpadas em <i>stock</i> .
--	--